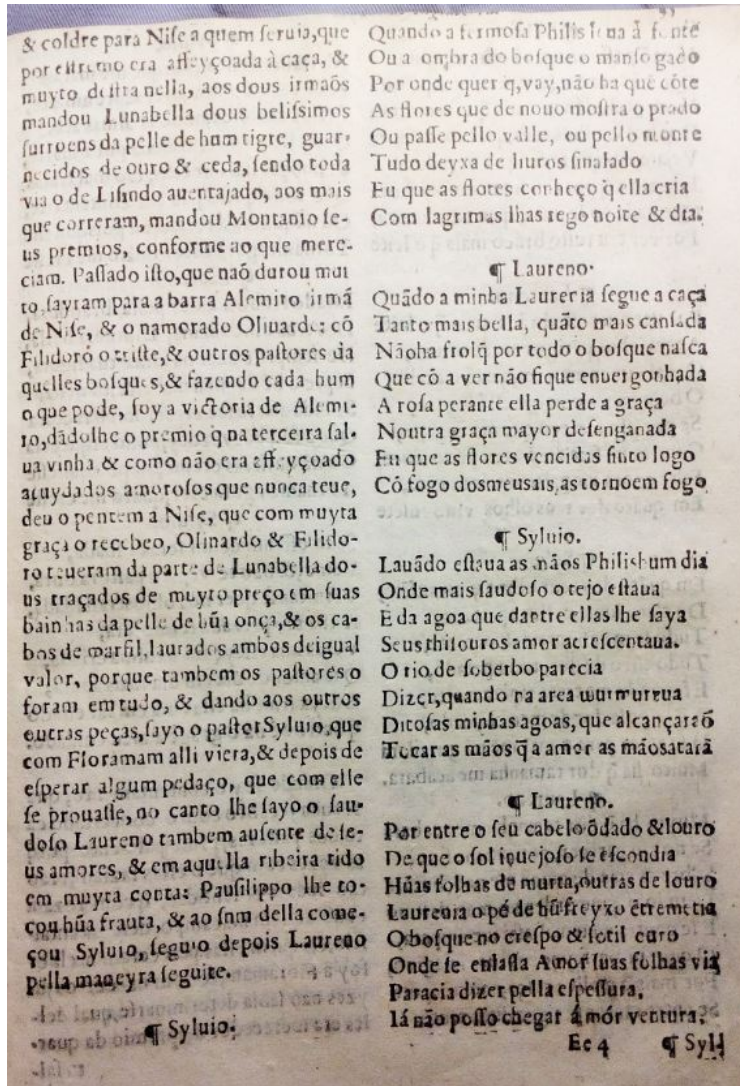




Palmeirim IV(1604)- Poema

Fac-símile

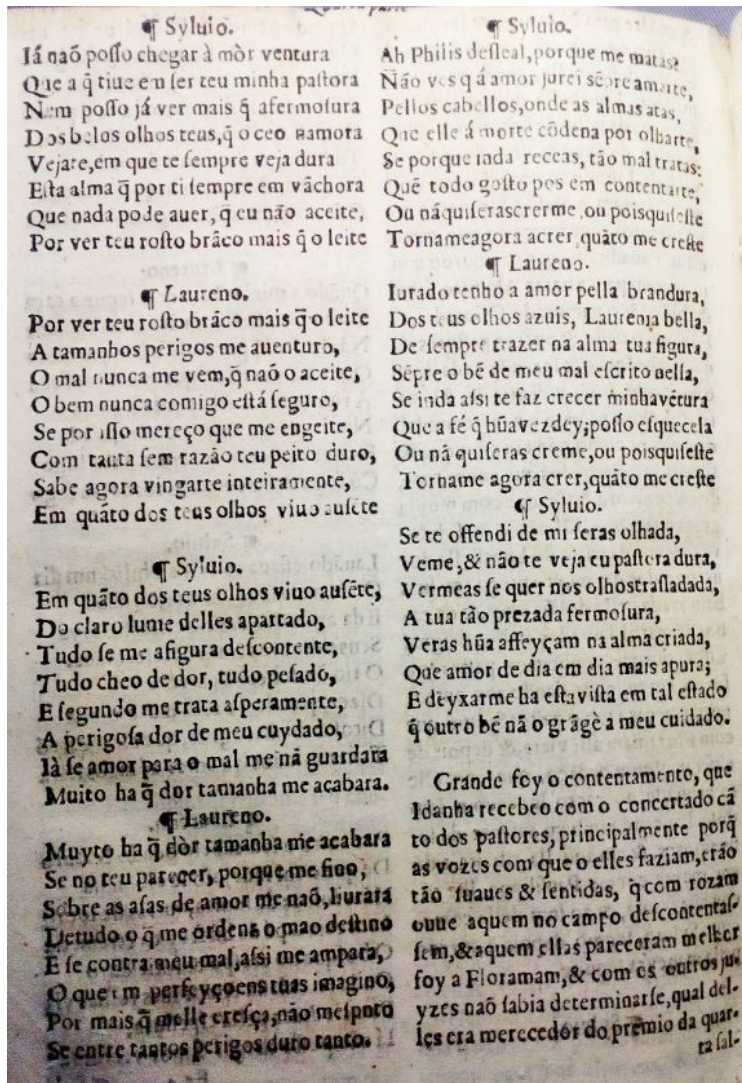
[35r-35v]





UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO



Edição paleográfica

[35r/a] ¶ Syluio. | [35r/b] Quando a fermosa Philis leua à fonte | Ou afombrado bosque o
manfõ gado | Por onde quer *que*, vay, não ha quẽ côte | As flores que de nouo mostra o
prado | Ou passe pello valle, ou pello monte | Tudo deyxa de liuros finalado | Eu que as
flores conheço *que* ella cria | Com lagrimas lhas rego noite & dia. | ¶ Laureno. | Quãdo a
minha Laurenia segue a caça | Tanto mais bella, quãto mais cansada | Não ha frol *que* por
todo o bosque nasca | Que cõ a ver não fique enuergonhada | A rosa per ante ella perde a
graça | Noutra graça mayor defenganada | Eu que as flores vencidas sinto logo | Cõ fogo
dos meus ais, as torno em fogo. | ¶ Syluio. | Lauãdo estaua as mãos Philis hum dia | Onde
mais faudofo o tejo estaua | E da agoa que dantre ellas lhe faya | Seus thifouros amor
acrescentaua. | O rio de soberbo parecia | Dizer, quando na area murmuraua | Ditofas
minhas agoas, que alcançaraõ | Tocar mãos *que* a amor as mãos atarã. | ¶ Laureno. | Por
entre seu cabelo õdado & louro | De que o sol inuejoso se escondia | Hũas folhas de murta,
outras de louro | Laurenia ao pé de hũ freyxo etremetia | O bosque no crespo & fõtil ouro



UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

| Onde se enlaffa Amor fuas folhas via | Parecia dizer pella espeffura, | Iá não posso chegar
á mór ventura. | [36r/a] ¶ Syluio. | Iá não posso chegar à mór ventura | Que a *que* tiue em
fer teu minha pastora | Nem posso já ver mais *que* a fermofura | Dos bellos olhos teus, *que*
o ceo namora | Vejate, em que te sempre veja dura | Esta alma *que* por ti sempre em vã
chora | Que nada pode auer, *que* eu não aceite, | Por ver eu rosto brãco mais *que* o leite. | ¶
Laureno. | Por ver teu rosto brãco mais *que* o leite | A tamanhos perigos me auenturo, | O
mal nunca me vem, *que* não o aceite, | O bem nunca comigo está seguro, | Se por isso mereço
que me engeite, | Com tanta fem razão teu peito duro, | Sabe agora vingarte inteiramente,
| Em quãto dos teus olhos, viuo aufête. | ¶ Syluio. | Em quãto dos teus olhos viuo aufête,
| Do claro lume delles apartado, | Tudo se me afigura descontête, | Tudo cheo de dor, tudo
pefado, | E segundo me trata asperamente, | A perigofa dor de meu cuydado, | Iá se Amor
para o mal me não guardara | Muito ha *que* dor tamanha me acabara. | ¶ Laureno. | Muyto
ha *que* dôr tamanha me acabara, | Se no teu parecer, porque me fino, | Sobre as afas de amor
me não liurara | De tudo o *que* me ordena o mao deffino | E se contra meu mal, afsi me
ampara, | O que em perfeçoens tuas imagino, | Por mais *que* me elle cresça, não mefpnto
| Se entre tantos perigos duro tanto. | [36r/b] ¶ Syluio. | Ah Philis desleal, porque me matas?
| Não ves *que* á amor jurei fêpre amarte, | Pellos cabellos, onde as almas atas, | Que elle á
morte cõdena por olharte, | Se porque inda receas, tão mal trata: | Quê todo gofsto pos em
contentarte, | Ou nã quiferas crerme, ou pois quifefte | Torname agora a crer, quãto me
crefte. | ¶ Laureno. | Iurado tenho a amor pella brandura, | Dos teus olhos azuis, Laurenia
bella, | De sempre trazer na alma tua figura, | Sêpre o bê de meu mal efcrito nella, | Se inda
afsi te faz crer minha vêtura | Que a fé *que* hũa vez dey; posso efquecela | Ou nã quiferas
creme, ou pois quifefte | Torname agora crer, quãto me crefte. | ¶ Syluio. | Se te offendi de
mi feras olhada, | Veme, & não te veja eu pastora dura, | Vermeas se quer nos olhos
traffadada, | A tua tão prezada fermofura, | Veras hũa affeiçam na alma criada, | Que amor
de dia em dia mais apura; | E deyxarme ha esta vista em tal estado | *que* outro bê nã grãgê
meu cuidado.

Edição crítica

[35r/a] Sívio.

[35r/b] Quando a fermosa Philis leva à fonte
ou asombrado bosque o manso gado,
por onde quer que vai, não há quem conte
as flores que de novo mostra o prado,
ou passe pelo vale ou pelo monte,
tudo deixa de lírios sinalado.

Eu, que as flores conheço que ela cria,
com lágrimas lhas rego noite e dia.

Laureno.

Quando a minha Laurénia segue a caça
tanto mais bela quanto mais cansada,
não há frol que por todo o bosque nasca



UNIVERSO DE ALMOROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

que com a ver não fique envergonhada.
A rosa perante ela perde a graça
noutra graça maior desenganada,
eu, que as flores vencidas sinto logo,
com fogo dos meus «ais» as torno em fogo.

Sílvio.

Lavando estava as mãos Filis um dia
onde mais saudoso o Tejo estava,
e da ágoa que dantre elas lhe saía
seus tisouros amor acrescentava.

O rio de soberbo parecia
dizer, quando na area murmurava:
«Ditosas minhas ágoas, que alcançaram
tocar mãos que a Amor as mãos ataram».

Laurenó.

Por entre seu cabelo ondado e louro
de que o sol, invejoso, se escondia,
ũa folhas de murta, outras de louro,
Laurénia ao pé de um freixo entremetia.
O bosque, que no crespo e sutil ouro
onde se enlassa Amor suas folhas via,
parecia dizer pela espessura:
«Já não posso chegar à môr ventura».

[36r/a] Sílvio.

Já não posso chegar à mor ventura,
que a que tive em ser teu, minha pastora,
nem posso já ver mais que a fermosura
dos belos olhos teus, que o céu namora.
Veja-te em que te sempre veja dura
esta alma que por ti sempre em vão chora,
que nada pode haver que eu não aceite,
por ver eu rosto branco mais que o leite.

Laurenó.

Por ver teu rosto branco mais que o leite,
a tamanhos perigos me aventuro,
o mal nunca me vem que não o aceite,
o bem nunca comigo está seguro;
se por isso mereço que me engeite
com tanta sem-razão teu peito duro,



UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

sabe agora vingar-te inteiramente,
enquanto dos teus olhos vivo ausente.

Sílvio.

Enquanto dos teus olhos vivo ausente,
do claro lume deles apartado,
tudo se me afigura descontente,
tudo cheo de dor, tudo pesado;
e segundo me trata asperamente
a perigosa dor de meu cuidado,
já se Amor para o mal me não guardara,
muito há que dor tamanha me acabara.

Laurenno.

Muito há que dor tamanha me acabara,
se no teu parecer, porque me fino,
sobre as asas de Amor me não livrara
de tudo o que me ordena o mau destino;
e se contra meu mal assi me ampara,
o que em perfeiçõis tuas imagino,
por mais que me ele cresca, não me espanto,
se entre tantos perigos duro tanto.

Sílvio.

[36r/b] Ah Filis desleal, por que me matas?
Não vês que a Amor jurei sempre amar-te,
pelos cabelos, onde as almas atas,
que ele à morte condena por olhar-te?
Se porque inda receas tão mal tratas,
qu' em todo o gosto pôs em contentar-te,
ou não quiseras crer-me, ou pois quiseste
torna-me agora a crer quanto me creste.

Laurenno.

Jurado tenho a Amor pela brandura
dos teus olhos azúis, Laurénia bela,
de sempre trazer na alma tua figura,
sempre o bem de meu mal escrito nela;
se inda assi te faz crer minha ventura
que a fé que ãa vez dei, posso esquecê-la,
ou não quiseras crer-me ou pois quiseste,
torna-me agora a crer quanto me creste.



UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

Sílvio.

Se te ofendi, de mi serás olhada,
vê-me e não te veja eu, pastora dura,
ver-me-ás sequer nos olhos trasladada,
a tua tão prezada fermosura;
verás ãa afeição na alma criada
que Amor de dia em dia mais apura,
e deixar-me-á esta vista em tal estado
que outro bem não grangee meu cuidado.

Modo de citação: Aurelio VARGAS DÍAZ-TOLEDO, “*Palmeirim de Inglaterra III-IV (1604): composições poéticas*”, em *O Universo de Almoúrol. Base de dados da matéria cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVIII* (<http://www.universodealmourol.com/>), 2017.

